

ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL: POSSIBILIDADES EM SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jeane Alves Prisco; Kilsimara Nascimento Ribeiro; Clarice Bianchezzi

Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP -Universidade do Estado do Amazonas – UEA

jeane18_paty@hotmail.com; kilsiribeirokn@gmail.com; cbianchezzi@yahoo.com.br

RESUMO:

Este artigo desenvolve uma reflexão sobre o uso da história local e sua contribuição no Ensino de História nos Anos Iniciais do ensino fundamental. Partindo da preocupação com este tema já no processo de formação inicial de professores, trazemos para refletir uma das nossas experiências que vem sendo desenvolvidas no processo de formação docente no curso de Pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, sendo a História Local motivador desde a pesquisa durante as disciplinas ligadas ao ensino de História nos anos iniciais¹, como a experiência prática que orienta e desafia a planejar e executar possibilidades de temas históricos a partir da história local em sala de aula dos anos iniciais do ensino fundamental. Para respaldo teórico usou-se CAIMI (2010), FERNANDES (1995), SCHMIDT (2009) entre outros.

PALAVRA-CHAVE: Ensino de História; Formação de professor; História local

¹ No CESP/UEA no currículo vigente da Pedagogia temos duas disciplinas ofertadas: (CESP0520) História na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e (CESP0708) Metodologia do Ensino/Aprendizagem da História, que buscam no seu conjunto, dar subsídio teórico e prático sobre ensino de história nos Anos Iniciais do Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Ao trabalhar a disciplina de História na Educação Básica, temos o desafio enquanto professores de História de desenvolver conceitos históricos que abarquem as noções temporais como: sucessão, duração, simultaneidade, mudanças e permanências. Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2009), relembram que essas noções não existem naturalmente, elas são construídas a partir de experiências culturais, do livro didático e da escolarização. Tais conceitos e representações auxiliam para que compreendamos a causalidade histórica, os marcos temporais, as relações entre épocas, os fatos e as transformações históricas.

Além disso vale destacar que a intencionalidade do ensino de História é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, fazendo um exercício de reflexões crítica na escola e fora dela (FERNANDES, 1995, p. 44), pois, “o estudo da história nos possibilita aprender e apreender um referencial que nos ajuda na leitura e compreensão da realidade”. Trabalhar a história local em sala de aula auxilia no processo ensino aprendizagem, na construção e valorização da identidade do aluno sob a perspectiva de sujeito histórico e cidadão. Devemos tomar o cuidado, conforme lembra Luís Reznik de que “a história local não deve ser projetada como um valor superior para a admiração e valorização da pequena pátria – no estilo “eu me ufano da minha terra” -, mas como a “costura” de um retalho dos processos de identificação do sujeito. (REZNIK, 2002, p.3).

Ao trazer elementos da História local para sala de aula estabelecendo relações com o regional, nacional, mundial podemos desenvolver essa ‘costura’ a partir de singularidades evidenciando os processos de consolidação e constituição das identidades do sujeito histórico, além da valorização da cultura, formação histórica local. Estaremos, assim, desenvolvendo com as crianças e jovens a percepção das múltiplas temporalidades históricas, evidenciando as particularidades inseridas em diversos tempos e espaços.

Ao usar o tema da História local em sala de aula possibilita-se conhecer e compreender a história, as tradições culturais, religiosas, populares, festivas, alimentares. Também as implicações dos diferentes tempos da natureza e suas implicações na vida histórico social dos sujeitos inseridos neste espaço e suas relações e identidade com sua terra.

Quando olhamos nossos livros didáticos, em sua maioria notamos a ausência de relações com elementos da história do município, por exemplo. Mas qual a contribuição de estudar a história do município na formação do estudante? Precisamos compreender algo que é elementar o município é espaço privilegiado, espaço do sujeito histórico, da sua história de vida, desta forma, estudar, se

apropriar deste processo de transformação, de mudanças e de permanências históricas significa compreender as próprias raízes. Raízes essas que estão no município, no estado, na região!

Para Marcos Lobato Martins ao nos debruçamos sobre processo de investigação histórica no recorte temática da História regional/local podemos problematizar generalizações, discursos e levantar novas hipóteses, pois:

No campo da historiografia, a História Regional ou Local tem incentivado a busca de explicação das sociedades nas suas múltiplas determinações e complexidades e tem proporcionado ocasião para testar generalizações da História Geral, por meio da redução da escala das investigações. (...) a prática meticulosa da História Regional e Local, mais do que destruir concepções gerais equivocadas, porém arraigadas em tantos livros didáticos e discursos, tem a virtude de descobrir novos problemas e hipóteses. Tudo isso justifica que a História Regional e Local adentre as salas de aula em todos os níveis de ensino (...). (MARTINS, 2013, p.145).

Estudar a partir do tema da história local proporciona acesso a discussões e investigações que podem e devem ser incentivadas nas salas de aulas na educação básica, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, podendo fornecer contribuições imediatas e de amplitude na aprendizagem dos estudantes, principalmente, quando atividades são desenvolvidas de forma coletiva envolvendo-as em pesquisas e coletas de informações junto a sociedade local, buscando assim, localizar vestígios e informações históricas capazes de contribuir para o estudo da História nas primeiras fases da educação escolar.

Sem esquecer, contudo, o que destaca Maria Aparecida Bergamaschi (2010) de que ao estudar essas noções básicas, valendo-se de conteúdos da história local, não caímos no erro de simplificar demais o estudo da História, ela sugere que se problematize os conteúdos históricos buscando compreendê-los em suas relações e contextos históricos, além de sugerir o uso de trajetórias e memórias para desenvolver o ensino de história significativo e de qualidade. (BERGAMASCHI, 2010).

Nesta mesma perspectiva devemos valorizar a produção do conhecimento histórico que somos capazes de construir e desenvolver a partir de temas da história local, em um trabalho docente que oriente o aluno do próximo para o distante, sem, contudo, desassociar o local do nacional, mas estabelecendo relações que sejam contributivas para aprendizados significativos, construção de conhecimentos e para pensar historicamente o seu lugar, a sua vida.

O TRABALHO – A PESQUISA, A AÇÃO

Sabemos que a pesquisa nos estimula a descoberta do novo, nos subsidia e nos envolve em um campo de descobertas e sistematização. Desta forma, fomos desafiados pela professora da

disciplina de História na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, professora Clarice Bianhezzi, a selecionar um local do município de Parintins, pesquisar sobre a história e os usos deste lugar, pensando como está história poderia ser usada para ensino de História nos Anos Iniciais.

No semestre seguinte a mesma docente nos convidou a retomar a pesquisa desenvolvida e planejar oficinas pedagógica de ensino de história a partir do tema da História local, usando a pesquisa desenvolvida no semestre anterior, acrescentando se houvesse necessidade, novas materiais e informações pesquisadas.

Desta forma, desenvolvemos um trabalho que envolveu a pesquisa histórica, o planejamento docente, de forma que a partir disso conseguimos não só fazer uma intervenção docente ao final do processo, mas ao longo vivemos a experiência da pesquisa em processo de formação docente dentro da definição de pesquisa ação: “Pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p.457). Assim nossa intervenção através da oficina temática, começou com a pesquisa qualitativa desdobrando-se em uma prática docente para melhorar o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental.

O PROCESSO PEDAGÓGICO E A RELAÇÃO COM HISTÓRIA LOCAL

Ao compreendermos os alunos como sujeitos transformadores da realidade, produzem e socializam conhecimento, juntamente com o professor, são os principais responsáveis pela construção da identidade crítica da sociedade. Então, a partir desse contexto percebemos a importância de se trabalha a história local/regional, pois é a partir da realidade dos sujeitos que ele passa a valorizar o meio a qual está inserido.

Como ensinar História da nossa cidade, para as crianças do Ensino Fundamental? Partindo dessa inquietação e do incentivo que a nossa professora nos deu, começamos a fazer uma pesquisa acerca da história parintinense e sempre ouvimos falar da indústria Fabril Juta. Mas não localizamos registros da fábrica antes de se tornar a sede da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido.

Em busca de melhor entendimento sobre a Fabril Juta, local histórico, construção de referência, em nossa cidade, procuramos um relato de alguém que no passado tenha trabalhado na fábrica. Partimos da intenção de encontrar possíveis compreensões acerca do funcionamento e a

utilidade da fábrica, pois poucas pessoas sabem de sua existência e de seu significado para Parintins, a grande importância que este teve para o desenvolvimento socioeconômico da cidade.

A juta (*Corchorus Capisulares*) que foi trazida pelos imigrantes japoneses para região de Parintins em 1930, mais precisamente na área da Vila Amazônia, e em razão do “úmido e fértil solo da várzea amazônica” (AMARAL, 2013, p.1) teve boa adaptação em solo amazônico.

Desde então o procedimento do cultivo da juta tem sido o seguinte: primeiro se limpa o terreno escolhido para a plantação, depois se faz a sementeira e para que outras plantas não atrapalhem seu crescimento deve-se capinar o local constantemente. Quando as hastes já estão robustas elas são cortadas e reunidas em feixes de vinte a trinta talos e deixadas de molho na própria água do rio. O objetivo é que o lenho seja separado da fibra pelas bactérias do rio. Dias depois as tiras são recolhidas e depois secadas e batidas (para que se retire as impurezas do rio) para que finalmente sejam estocadas pelo juticultor. (AMARAL, 2013, p.1).

O trabalho com a juta tornou-se uma das atividades econômicas mais importantes do estado do Amazonas, conforme destaca Narda Margareth Carvalho Gomes de Souza (2008), afirmando que no ano de 1965, o estado do Amazonas produzia juta e malva em 23 municípios, entre esses consta Parintins (SOUZA, 2008). Isso impulsionou a instalação de muitas empresas de processamento desta fibra no município:

O interesse na fibra de juta e malva impulsionou a fundação da Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins; a instalação da Prensa de Juta Martins Melo; instalação da Fabril Juta de Parintins; instalação da Prensa de Juta Saraujo e instalação da Caçapava. (SOUZA, 2013, p.50).

Assim, instalada no Parque Industrial de Parintins, no ano de 1968, Fabril Juta, atou no processamento de fibra de juta para a fabricação de fios, sacos e telas, empregando aproximadamente 700 operários e exportando este tipo de material processado para o mercado da América do Sul. E segundo o que afirma Amaral: “Nos anos 60, a juta chegou a representar 12% da arrecadação de tributos no Estado do Amazonas. Com a chegada das fibras sintéticas e o aumento das tarifas alfandegárias nos anos 80, a juta foi perdendo o mercado (AMARAL, 2013, p.1)”.

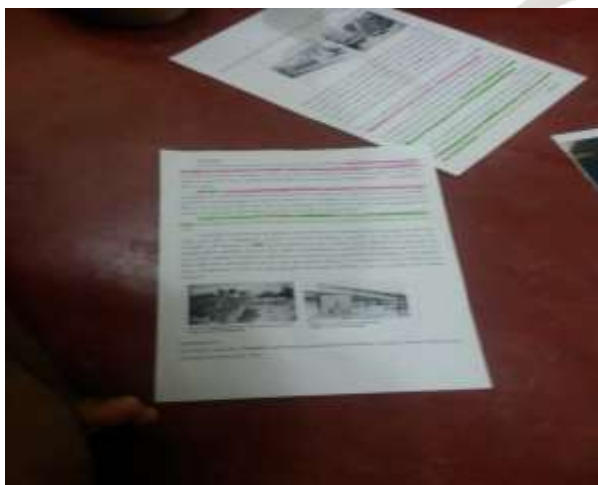
Diante disso a Fabril Juta encerrou as suas atividades na década de 1980, ocasionando com isso o prejuízo aos pequenos agricultores que sobreviviam da renda proveniente da comercialização da juta, além do desemprego dos funcionários que trabalhavam no processamento da fibra da juta. Logo após o fechamento da empresa, as máquinas e as instalações, foram leiloadas para pagamento de empregados e os fornecedores. Hoje somente os galpões construídos na época existem. Nada mais resta daquela que foi uma das maiores fábricas de tecelagem do norte do Brasil. Anos depois

de fechada, o terreno foi adquirido pelo Boi Bumbá Garantido e hoje é conhecida como 'Cidade Garantido' (SAUNIER, 2003).

A CONSTRUÇÃO DE UMA LINHA DO TEMPO

Com dados de pesquisa coletados fica o desafio de que forma trabalhar com o educando, para que ele possa ter utensílios para se pautar em sua formação intelectual no que diz respeito ao seu reconhecimento de integrante de uma sociedade? Nesse contexto, segundo Caimi (2010, p. 60) “a renovação historiográfica, em que se redefinem os princípios e as finalidades da história, situam-se as novas discussões acerca dos processos de ensinar e aprender a história local e regional”. A importância do conhecimento do contexto, tanto da realidade que a criança vive e quanto também conhecer outras realidades de diferentes regiões, ampliando a sua visão de mundo.

A pesquisa aqui relatada foi em uma comunidade periurbana do Município de Parintins, com cerca de 13 km do centro urbano, os envolvidos no processo foram alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal “Santa Luzia do Macurany” onde primeiramente tivemos uma conversa com os alunos, na qual foram apresentados o grupo de acadêmicos que iriam apresentar uma oficina. Essa conversa foi para criar um ambiente mais harmonioso e depois foi exposto o tema a “Juta” que era a matéria-prima para se trabalhava na fábrica da Fabril Juta. Onde mostramos a localização e o que funciona no atual prédio. O surpreendente é que todas as crianças não conheciam a história local, com base nisso pensamos em construir uma linha do tempo, mas sempre relacionando com os acontecimentos do Brasil.



Foi trabalhado um texto que contava a História da Fabril Juta desde a sua fundação até a sua decadência, essas datas ou marcadores do tempo sempre tinham uma relação com o que estava acontecendo na mesma época no Brasil ou no município de Parintins. Pois fazer com que o aluno compreenda as múltiplas temporalidades, e não desvalorizar outras culturas que não seja a sua, mas mostrar a importância que cada uma tem na construção individual de identidade dos sujeitos.

Foi indicado que, com a leitura, fossem observadas as datas para que depois fossem sublinhadas ou pintadas. Na hora de trabalharmos a linha do tempo facilitou a compreensão dos mesmos para a construção da mesma.

A linha do tempo foi construída com a corda de juta e demonstramos que a partir da marcação das datas feitas no texto, foram construídas as informações que pudessem fazer sempre a relação do passado com o presente. A atividade foi dividida em dois grupos: história nacional e história local. Pois desta forma os educandos conseguem evidenciar melhor a linearidade dos acontecimentos, o que para Caimi é um fator importante:

Dentre as principais possibilidades da história regional/local se destaca a possibilidade de dar evidências a fontes, temas e sujeitos que não tiveram visibilidade no âmbito da chamada “macro-história”, contribuindo, assim, para o conhecimento de múltiplas experiências históricas e o reconhecimento das diversas identidades que compõe a sociedade brasileira (2010, p. 64).

Fazer com que o aluno entenda que os acontecimentos não são isolados, o tempo não para, acontece de forma linear. O objetivo desta atividade foi demonstrar às crianças como elas são capazes de fazer história, fazê-las reconhecerem-se como sujeitos históricos. Pois história não é apenas o que se relata nos livros didáticos de história e o que aconteceu no passado que ficou reconhecido como grandes acontecimentos, mas toda atividade em que os sujeitos participaram recriam sua história no seu contexto social.

A figura abaixo mostra o momento da construção da linha do tempo, tendo como principais participantes desta atividade as crianças, nesta ocasião elas ficavam surpresa quando se mostrava os eventos acontecidos em nossa cidade, como por exemplo, a fundação do colégio Batista de Parintins, que até então era um dado histórico desconhecido pelas crianças, que muitas relataram nem saber onde fica o Colégio, então, a partir dos marcadores temporais iam percebendo que história não é somente aquilo que acontece longe de sua realidade, mas entender que o espaço em que estão inseridas também fazem parte de um processo histórico.



As crianças a partir da apresentação da linha do tempo reconhecem que não somente o que ocorre em outros lugares são momentos históricos, ou o que vem exposto no livro didático, mas o que acontece no ambiente em que ela está inserida também os faz sujeitos históricos, e isso de acordo com Caimi (2010, p. 69) “O ensino-aprendizagem da história local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referencias para o processo de construção de identidades destes sujeitos e de seu grupos de pertença.” Fazer com que a criança se reconheça como sujeito histórico integrante ativo de uma sociedade, assim se tornando um cidadão crítico da realidade que o rodeia, ser sujeitos autônomos de ideias.

No decorrer da atividade desenvolvida, perguntávamos para as crianças o que elas percebiam a partir das imagens, já que algumas delas alegavam não saber onde fica A Cidade Garantido que foi a sede da antiga Fabril Juta, o que havia mudado? Quais as permanências do antigo prédio? Para que serve nos dias atuais? E ainda perguntas como, Parintins ainda exporta

algum produto? Fazer com que percebessem que história não é algo estagnado, mas se faz necessárias contextualizações, para que os envolvidos no processo entendam o antes e o depois.

A partir da construção da linha do tempo as crianças perceberam a relação que a cidade de Parintins tinha com restante do país, percebendo que a Fabril Juta foi uma indústria importante para economia do município, não somente deste, como também do Estado do Amazonas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber que é possível estudar história local e fazer com que os educandos percebam que há uma diversidade cultural, que deve ser respeitada igualmente a sua, e para essa construção de conhecimento, foi concretizada a aplicação de oficinas que enfatizavam a marcação do tempo, levando em consideração as falas e as respostas das crianças, que juntas, ajudavam a construir um pouco das histórias que ali estávamos vivenciando e sendo analisadas criteriosamente. Por conseguinte, houve o fechamento da análise e conclusão da pesquisa, cuja consistência proporcionou um efeito bastante significativo para nossas inquietações com retornos bastante esclarecedores.

A realização da oficina nos mostrou que é possível estudar história local nos anos iniciais, os alunos perceberam que o tempo é simultâneo, não para, que os acontecimentos importantes não somente são aqueles que acontecem longe da realidade deles como também os que acontecem no espaço que estão inseridos, estudar história vai além do que vem exposto no livro didático, é fazer contextualizações de modo que os educandos se tornem sujeitos críticos e reflexivos, não menosprezando o livro didático, mas usá-lo como uma ferramenta de auxílio, não ter como acontecimentos importantes só o que vem relatado no livro didático, mas compreender que nossa realidade também é um espaço que se faz história.

Portanto, com a aplicação da oficina pudemos perceber uma nova visão no que diz respeito ao ensino de história, tendo como ponto de partida primeiramente o local/regional entender suas diversidades, sua importância, contextualizar de modo que os alunos compreendam o que é história e que o mesmo faz parte, e que se reconheçam como sujeitos históricos, só assim estudar o global, ou seja, o que acontece em outros lugares.

Neste sentido, refletindo a partir da afirmação de Liev Tolstói “*Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia*”, fica o desafio como professores a serem ousados e trazer para salas de aula os elementos identitários, históricos e culturais fazendo com que as aulas de História

sejam momentos de valorização de elos de pertencimentos locais e regionais capazes de nos fazer reconhecer-se no tempo e espaço como sujeitos desta história e neste lugar, portanto, capazes de falar, pintar, cantar nossa aldeia, nossa História local!

REFERÊNCIAS

AMARAL, Vinicius Alves do. Gente de fibra. In: <http://www.almanaqueurupes.com.br/portal/textos/gente-de-fibra/> 2013. Acesso em 18/10/2015.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **O tempo histórico no ensino fundamental**. Disponível: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/O_tempo_historico_no_ensino_de_historia.pdf>. Acesso em 28/01/2014.

CAIMI, Flavia Eloisa. *Meu lugar na história: de onde vejo o mundo?* IN. BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Coleção: Explorando o ensino. Coordenação: Margarida Maria Dias de Oliveira).

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *Um lugar na escola para a História Local*. In: **Ensino em Revista**. Jan/dez, 1995. p.43-51. <http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-viva-historia-adormecida> de 31/07/2006. Acesso em 16/05/2015.

MARTINS, Marcos Lobato. *História regional*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2013. p.135-152.

REZNIK, Luís. **Qual o lugar da História Local?** Apresentado em V Taller Internacional de História Regional y Local. Havana/ Cuba, 2002. Disponível em: http://www.historiadesaogoncalo.pro.br/txt_hsg_artigo_03.pdf. Acesso em 17/11/2014.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: memórias dos acontecimentos históricos**. Manaus, Editora Valer-Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: Memórias dos acontecimentos históricos**. Manaus: Editora Valer/Governos do Estado do Amazonas, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SOUZA, Narda Margareth Carvalho Gomes. **A Trajetória da Companhia Têxtil de Castanhal: a mais pura fibra da Amazônia**. 2008. 193 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **Processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação.** 2013. 141f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.* Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

